

Ensino de Química e Inclusão: um episódio da Educação de Surdos na rede pública do município de Cabeceiras de Goiás

*Nadiny Oliveira Leal¹ (IC), Eleandro Adir Philippsen² (PQ)

^{1,2} Universidade Estadual de Goiás – UEG, câmpus Formosa [*nadinyleal@gmail.com](mailto:nadinyleal@gmail.com)

Palavras-Chave: *Inclusão e Química, Ensino de Química e Surdez, Educação de Surdos Experimentos.*

Introdução

Conforme apontam documentos oficiais, a construção de uma sociedade inclusiva é um processo importante para o desenvolvimento e a manutenção de um Estado democrático¹. Nesse sentido promover atividades educacionais que busquem a inclusão de estudantes é também oportunizar maior sua participação na sociedade, e em geral, a formação profissional docente, especialmente em química, não prepara corretamente o professor para lidar com estudantes surdos, principalmente no que tange a construção de conceitos científicos². O presente trabalho traz resultados parciais de um projeto de pesquisa para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso que consiste em desenvolver para salas de aula experimentos simples que busquem facilitar a metodologia de ensino de Química no que tange a Educação de Estudantes S/surdos.

Resultados e Discussão

O trabalho aqui apresentado foi realizado numa turma de 1^a série de ensino médio de um Colégio Estadual do município de Cabeceiras de Goiás. A turma conta com uma estudante Surda, mas não com a presença de nenhum intérprete. A atividade experimental buscou responder se “a esponja de aço contém ferro”? Utilizando uma metodologia visuoespacial³, adequada para o ensino regular, e visando avaliar como a estudante Surda interpreta os resultados e conclusão da atividade proposta, foi realizado um experimento com duas garrafas PET, esponja de aço, água oxigenada 10 volumes e refrigerante de limão. A estudante Surda recebeu um esquema de como seria realizado o experimento (Figura 1). Por meio de um questionário e com colaboração de intérprete particular a estudante Surda avaliou a atividade apontando para a complexidade dos conceitos científicos estudados em oxirredução, e diz que o conteúdo exige um nível maior de raciocínio e lamenta o fato de a escola não possuir materiais de apoio para estudo da disciplina de Química e também não possuir um intérprete. A estudante ainda comenta que a atividade experimental realizada ajudou muito a compreender a oxirredução principalmente porque ocorre mudança de cores entre as garrafas e afirma que onde se formou a ferrugem da esponja de aço há reação de oxidação.

Figura 1. Esquema do experimento realizado.



A estudante Surda relata que nas aulas de Química, o professor utiliza como material didático o quadro e giz, livros e algumas vezes eslaides. Conforme apontado pela estudante – e reconhecido na literatura³ – gostaria que o professor elaborasse pelo menos uma vez por mês uma atividade demonstrativa pois assim facilitaria a modalidade visuoespacial.

Conclusões

Os professores mencionam suas dificuldades em lecionar para estudantes surdos e reportam suas frustrações pela sua falta de disponibilidade em preparar aulas diversificadas e de um intérprete na escola, eles também reconhecem a necessidade e a importância de aprender a Língua de Sinais Brasileira.

Agradecimentos

¹BRASIL. Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica: diversidade e inclusão**. Brasília: Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI, 2013.

²FELTRINI, G. M.; GAUCHE, R. O Ensino de Ciências no Contexto da Educação de Surdos. In: SALLES, P. S. B. de A.; GAUCHE, R. (Org.). **Educação Científica, inclusão social e acessibilidade**. 1^a Ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011.

³HARRISON, K. M. P. LIBRAS: apresentando a língua e suas características. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos. (Org.) **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2013.